

O PROCESSO DE DESVIAÇÃO NA VISÃO DE DAVID MATZA

LYCURGO DE CASTRO SANTOS

Sumário: 1. Introdução — O que é criminologia crítica — 2. O método naturalista — 3. Três caminhos no processo de desviação; 3.1. Afinidade; 3.2. Afiliação; 3.3. Significação.

1. Introdução — o que é criminologia crítica

A criminologia crítica é um termo utilizado preferentemente para designar aquelas teorias desenvolvidas a partir do *labelling approach*, sendo a mais importante (e a mais discutida) aquela desenvolvida por Taylor, Walton e Young na década de setenta, quando o foco de atenção deixou de se concentrar na ação do sujeito delinquente, transmudando-se aos órgãos da reação social. O problema não estava no agente que cometia o delito, senão nos agentes sociais (a polícia, o Ministério Público e o Poder Judiciário), os verdadeiros responsáveis pela desviação, pela marginalização; invertia-se o papel moral dos protagonistas do drama criminoso: a vítima era o delinquente, confundido amiúde com os estudantes, os pacifistas, os líderes de movimentos a favor dos direitos humanos, que pululavam na década de sessenta, enquanto os verdadeiros vilões eram os representantes do Estado controlador, a polícia de repressão, etc.

Este câmbio de direção, todavia, surgira já muitas décadas atrás, antes mesmo de os movimentos políticos de cunho marxista ganharem um radical

apoio dentro das escolas sociológicas americanas e inglesas.

A crise da criminologia positivista, impossibilitada de explicar satisfatoriamente o crime desde as suas perspectivas biológicas, psicológicas ou sociológicas (por exemplo, a questão clássica de dois irmãos criados em um mesmo ambiente, sob a mesma educação: um se adapta amplamente às normas sociais; o outro delas se desvia guiado por um impulso de incompreensíveis matizes¹⁾) e o crescente aumento da crimi-

⁽¹⁾ A relativização das teorias positivistas pode ser observada na seguinte obra de Arthur Keith, um anatomista britânico do primeiro terço deste século: "No interior do cérebro há cerca de dezoito bilhões de unidades microscópicas vivas ou células nervosas. Estas unidades estão agrupadas em miríades de grupos que se entrelaçam por meio de um sistema de comunicação cuja complexidade não tem paralelo nas criações humanas. De todas as milhões de células nervosas no cérebro não existe nenhuma ilhada. Todas estão conectadas e participam na manipulação ininterrupta das correntes de mensagens que afluem ao cérebro desde os olhos, os ouvidos, os dedos, os pés, os membros e o resto do corpo". E conclui: "Se a natureza não pode reproduzir o mesmo simples modelo dos dedos, quanto mais impossível será que produza o mesmo modelo em dois cérebros, cuja organização

nalidade que aquela objetivava extinguir, deu margem à contestação de suas premissas, especialmente aquela que tinha como inconspicíveis os padrões morais e éticos dos órgãos encarregados do controle social.

Foram os sociólogos os maiores críticos da criminologia tradicional: a associação do fenômeno das grandes metrópoles e a confluência de várias culturas com o crescente aumento da criminalidade foi objeto de estudo de várias escolas sociológicas. Fundamentalmente questionavam elas o método de abordagem do crime pela criminologia positivista e as conclusões que dele derivavam. O determinismo biológico e social frente ao livre arbítrio deveriam ser relegados à filosofia metafísica. Os sociólogos podiam explicar melhor as causas do crime e os meios adequados para controlá-lo.

Não obstante, devem ser creditados diversos logros à criminologia positivista, dentre os quais, quiçá o mais importante, a evolução do pensamento sociológico a partir da separação do estudo do delito da atividade e teoria do Estado.

Dentre as importantes teorias sociológicas em voga na década de cinqüenta nos Estados Unidos, podemos citar a teoria da anomia e as teorias subculturais, baseadas especialmente na corrente sociológica funcionalista desenvolvida por Parsons, segundo a qual, a exemplo

do órgão humano, a sociedade é um sistema cujas partes se relacionam entre si. Sobre este sistema, um fenômeno pode ser funcional ou disfuncional. Para se conjugar apenas os fenômenos funcionais e fazer frente aos disfuncionais é que existem as normas de cultura — aceitas por todas as instituições ou subsistemas que compõem o corpo social — através das quais deve o indivíduo ser socializado. Para a teoria da anomia (desenvolvida por Merton), a disfunção é causada pela distribuição dos adjetivos sociais de forma igualitária entre todos os membros e o desigual oferecimento de possibilidades para alcançá-los, criando uma situação de tensão cuja resposta pode ser o comportamento delitivo. Por outra parte, as teorias subculturais, com os seus diversos segmentos, adota, em geral, a seguinte tese (defendida especialmente por Albert Cohen): um jovem da classe social trabalhadora recebe os valores sociais dominantes e os objetivos que têm de ser alcançados. Diante da impossibilidade de satisfazê-los, sofre um problema de *status*. Face à competição perdida para lograr os objetos que se lhe impõem, assume o jovem, juntamente com outros na mesma situação, valores próprios a sua real condição social,² entre os quais está a desviação.

É, portanto, desde as posturas anticorrecionalistas da Escola de Chicago, com as suas teorias ecológicas, de transmissão cultural, interacionistas simbólicas, etc., passando pela influência dos funcionalistas e os chamados “neochicagos”, com as teorias da anomia e as teorias subculturais, que aparece David Matza, sociólogo americano radicado na Universidade Berkeley, Califórnia, com duas obras relevantíssimas: a primeira,

é tão incrivelmente complexa! Cada criança nasce com um certo equilíbrio de faculdades, aptidões, inclinações e tendências instintivas. Não há dois com o mesmo equilíbrio e cada cérebro tem que se enfrentar a um caudal de experiências distintas. Não me admiro, pois, que um homem esteja em desacordo com outro a respeito das realidades últimas da vida, mas sim de que tantos, pese a diversidade de suas naturezas inatas, cheguem a um grau elevado de acordo”, citado por Joseph Campbell, “Las Máscaras De Dios — Mitologia Creativa”, Alianza Editorial, Madrid, 1992, p. 55.

(2) Veja-se, a propósito das teorias sociológicas, Elena Laurauri, “La Herencia de la Criminología Crítica”, Siglo XXI, Madrid, 1991, p. 5 e s.

intitulada "Delinquency and Drift", publicada em 1964, em que Matza elabora sua explicação de delinquência, especialmente a juvenil, e que teve importantíssimos reflexos nos Estados Unidos e na Inglaterra, dominados ainda pela criminologia positivista. Matza conclui naquela obra que o sujeito se encontra particularmente apto a delinquir quando logra neutralizar o vínculo que o une ao sistema normativo. Todavia, para que essa incursão no crime se materialize depende da vontade do sujeito estar ativada pela presença de certas circunstâncias favoráveis.³

Esse pensamento de Matza é especialmente desenvolvido em sua obra "Becoming Deviant", publicada em 1969, na qual o autor critica o método positivista para o conhecimento do fenômeno da desviação, e propõe o que chama atitude naturalista frente ao crime e seu autor. Em seguida, Matza discorre com rara profundidade os modos pelos quais alguém se torna desviado. Três caminhos distintos, que se podem mesclar são percorridos em algum momento pelo indivíduo até atingir e assumir a condição de desviado. Finalmente, Matza analisa a função social deste processo: a existência de um número mais ou menos identificado de delinquentes permite à polícia cumprir com suas demandas contraditórias de "lei e ordem". Em seguida, cuidarei detalhadamente de cada um destes tópicos.

2. O método naturalista

Preconiza o método naturalista Matza para a compreensão do fenômeno da desviação. Este método não se confunde com aquele utilizado pelos positivistas, embora fosse intitulado "naturalista" muitas vezes o método empírico de que se valiam seus cultores para conhecer o objeto em foco.

Aliás, a análise do objeto desviado sofre uma drástica modificação no estudo de Matza e serve como condutor da mudança de método que postula.

Naturalismo e subjetivismo, no pensamento tradicional, são formas distintas de conhecimento. O primeiro, ligado com o método experimental, o empirismo, próprio de todas as ciências, verifica o objeto a sua frente e o descobre como ele "realmente" é, independentemente de qualquer conotação subjetiva que possa partir do agente que o conhece. O objeto então aparece ao sujeito do conhecimento imaculado de qualquer conotação pessoal, ou seja, livre de ingerências humanas que o desqualifiquem e como existe realmente no mundo objetivo que nos circunda.

O distanciamento do sujeito do objeto que pretendia conhecer foi duramente criticado por Matza e diversos outros autores. O cientificismo, ou o compromisso absoluto com os métodos científicos não deveriam ser sinônimos de naturalismo. Esse se "opõe a todas as formas de generalização filosófica", de forma que também é válido no pensamento de Matza o subjetivismo, a primazia da experiência do ser, pois "a observação naturalista pode compreender também a instrospecção e a experiência, que são os métodos tradicionalmente associados com o subjetivismo".⁴

Pois bem, se o objeto que a criminologia positivista pretendia estudar era o sujeito desviado, com uma atitude essencialmente correccionalista, o resultado a ser alcançado não poderia ser outro senão uma fórmula capaz de aniquilar as causas da desviação. Esse interesse último limitava a capacidade do cientista de conhecer o delinquente, de compreendê-lo. Ele enxergava a causa da desviação já comprometida com o

(3) Ibidem, p. 21.

(4) Matza, "El Proceso de Desviación", versión de Julio Carabaña, Taurus, Madrid, 1981, p. 15.

desejo de ser modificada pela “imaginária” solução do problema. Nem conseguiu o positivista compreender satisfatoriamente o desviado, nem tampouco conseguiu encontrar a panacéia da criminalidade, que já no final do século passado e começo deste século ganhava corpo nas primeiras grandes metrópoles.

Com agudeza anota Matza que é impossível um conhecimento razoável através do método naturalista, se está ele comprometido com a objetividade, com a subjetividade ou com a sensibilidade humanística. O que importa é a fidelidade ao fenômeno que contempla. E fidelidade ao fenômeno desviado implica: a substituição de um ponto de vista correcional por uma apreciação do fenômeno desviado; a eliminação tácita de uma concepção patológica com uma nova ênfase na diversidade humana, e uma erosão da distinção simples entre fenômenos desviados e convencionais resultante de uma familiaridade mais íntima com o mundo tal que é, o que produz um ponto de vista mais sofisticado que insiste em sua complexidade.⁵

É limitada a apreciação do fenômeno com vistas a corrigi-lo. Para conhecê-lo é preciso mais. É necessário ver o fenômeno desde o ponto de vista do sujeito desviado, daquele que delinqüe. Mergulhar no mundo do desviado, sentir pelo criminoso e pelo seu ato empatia,⁶ avaliar seu comportamento sob os valores do grupo em que convive, relativizar os valores implícitos na organização social e moral,⁷ são requisitos

essenciais para a apreensão correta da desviação.

O ponto de vista do sujeito que aprecia o fenômeno é, pois, fundamental no método naturalista defendido por Matza e por isso necessita ele estar dentro, no interior do mundo desviado, enxergar a conduta desviada com os olhos do desviado.⁸ Não se trata de estar de acordo com ele, mas sim de “compreender e iluminar o ponto de vista do sujeito e interpretar o mundo tal e como se lhe aparece”.⁹

Este ponto de vista naturalista é incompatível com o prejuízo patológico que tinham os positivistas com relação aos desviados. É importante notar esse aspecto através dos seguintes exemplos: a prostituta como tal é considerada pelos correcionalistas como alguém enferma sob o ponto de vista psicossocial e

dalo que as faltas ordinárias originam na consciência ordinária (...). Pela mesma razão, o homem perfeito e superior julga suas pequenas falhas com uma severidade maior que a maioria dos humanos reserva para atos que caem mais verdadeiramente no âmbito do pecado. Em outro tempo, os atos de violência contra pessoas eram mais frequentes do que são hoje em dia, devido a que era menos forte o respeito à dignidade individual. A revalorização desta fez com que os delitos contra as pessoas se tornassem mais raros; mas também foram introduzidos dentro do Código penal muitos atos que violam aqueles sentimentos e que não estavam incluídos nele em tempos mais primitivos, como por exemplo, a calúnia, os insultos, a difamação, as fraudes, etc. *apud* Matza; cit., p. 25.

⁽⁵⁾ Matza, cit., p. 21.

⁽⁶⁾ No mesmo sentido, hoje, Garcia-Pablos, *Criminologia*, Tirant Lo Blanch, Valencia, 1992, *passim*.

⁽⁷⁾ Neste sentido, vale a pena trazer a lume as palavras de Durkheim: “imaginem uma sociedade de santos, um claustro perfeito de indivíduos exemplares, os delitos propriamente ditos seriam ali desconhecidos; mas as faltas que parecem insignificantes aos leigos originariam ali o mesmo escân-

⁽⁸⁾ Oportuno lembrar a passagem de Joyce, em *Ulisses*, quando o personagem Stephen diz a Eglinton: “Caminhamos através de nós mesmos, encontrando ladrões, fantasmas, gigantes, velhos, jovens, esposas, viúvas, cunhados adúlteros, etc. Mas sempre encontramos nós mesmos” ... “Se Sócrates se marcha hoje de casa encontrará o sábio sentado no umbral. Se Judas sai esta noite, é em direção a Judas que irão seus passos”, *apud* Joseph Campbell, cit., p. 231.

⁽⁹⁾ Matza, cit., p. 37.

moral, assim como pobreza e patologia são correlacionados no sentido de que a pobreza termina com as possibilidades de desenvolvimento normal. Esse conceito de patologia e normalidade, absoluto e por isso limitado, cai por terra entre outros nos seguintes casos: A prostituta que se dedica a vender o corpo é tão ou menos “desviada”, sob o ponto de vista naturalista, que o trabalhador, que se prostitui no sentido de vender seu trabalho em troca de dinheiro, desrespeitando os limites éticos a ele inerentes, enquanto aquela se limita a vender seu corpo dentro do que recomenda a ética de sua profissão.¹⁰ O pobre muitas vezes obedece mais cegamente os valores culturais que lhe chegaram do que o rico ávido por poder e dinheiro. Dentro de cada subcultura imperam determinados valores éticos e morais que não podem ser subestimados pelo agente do conhecimento, sob pena de ser ele parcial, limitado e incorreto.

Com grande perspicácia, Matza cita o exemplo do “hobo” como sujeito desviado. O “hobo” pode ser definido como homem sem lar (*homeless*) em uma apreensão restrita do fenômeno. Como gênero, existem diversas classes e categorias de “hobos” (o “tramp” e o “bum”, por exemplo), muito embora se associem a eles inúmeras vezes, indistintamente, o vício, o álcool, a vadiagem, os pequenos furtos, etc. Nels Anderson ingressou no peculiar mundo dos “hobos” e apresentou uma visão especialmente distinta daquela mantida

até então por seus colegas sociólogos e pelos agentes de controle social. Passou anos entre os “hobos” e apreendeu seus valores, conheceu suas virtudes e defeitos, suas normas sociais, sua hierarquia de grupo. Impressionou, pois viu o “hobo” como um excepcional contador de histórias em torno de fogueiras noturnas, um narrador dotado de técnicas similares às daquelas desenvolvidas pelos nômades arábicos. Seu estudo, sem dúvida, trouxe um novo horizonte ao fenômeno, afastando-o definitivamente do vetusto espectro patológico-correcionalista adotado pelos positivistas. O fenômeno “hobo” há que ser concebido, como qualquer fenômeno desviado, como uma diversidade humana, não como uma patologia social, sujeita à impiedosa correção dos órgãos de controle.

Sem embargo, não deve ser o fenômeno visto com ares românticos, de modo a apenas enaltecer uma aparente ou real virtude do desviado, buscando nele uma versão mais ou menos Robinhoodiana. É preciso maturidade para transpor esse apego infantil e equalizar o fenômeno relativizando a versão do próprio desviado, o que implica não desdenhar os variáveis traços detestáveis que acompanham as atividades desviadas.¹¹

O fenômeno desviado é um fenômeno complexo. Duas idéias emergem para Matza das complicadas relações entre o desviado e o convencional. A primeira é a imbricação, que significa a ausência de diferenças qualitativas entre o desviado e o convencional. O que se verifica são diferenças quantitativas.¹² A

(10) Para Lemert, três características são elementares à prostituição: o intercâmbio de favores sexuais em troca de algo material; a complacência mais ou menos indiscriminada de muitas pessoas e uma dissociação entre os sentimentos profundos e o ato físico. A omissão do ato sexual apenas sugere de pronto similaridades com certas atividades femininas e masculinas, inclusive no âmbito profissional. Conferir, Matza, cit., p. 105/106.

(11) Matza, cit., p. 54, para quem a perspectiva do sujeito deve ser compreendida e esclarecida e não venerada.

(12) Vale a pena ressaltar, como o faz Matza, o relato de Durkheim sobre o suicídio: “o suicídio, contra o que se poderia crer, não constitui um grupo completamente aparte, uma classe isolada de fenômenos monstruosos sem relação com as demais modalidades

segunda é a ironia que se depreende das relações sequenciais entre a conduta convencional e a desviada. Citando a Niebuhr, adota Matza a seguinte definição de ironia: "incongruências da vida, aparentemente fortuitas, mas que resultam não ser meramente fortuitas quanto são examinadas profundamente".¹³

des de conduta, senão que, ao contrário, se enlaçam com estas mediante uma série continua de fenômenos intermédios. Não são outra coisa que a forma exagerada de práticas usuais (...) se um homem expõe voluntariamente a sua vida por outro, mas sem que esteja seguro de um desenlace mortal (...) o imprudente que joga intencionalmente com a morte, ainda que tratando de evitá-la, o apático que por não estar vivamente apegado a algo, não se toma o trabalho de cuidar da saúde e a compromete com a sua negligência..., não se distinguem radicalmente os suicidas propriamente ditos; são resultado de estados de ânimo análogos, posto que entram igualmente riscos mortais que não são ignorados pelo agente, e a perspectiva destes riscos não basta para detê-los; toda a diferença estriba em que as possibilidades de morrer são menores (...) todos estes fatos são tipos de suicídio embrionários, e ainda que não é próprio de um bom método confundir os com o suicídio levado a termo, não convém perder de vista os vínculos de parentesco que com ele mantém. Com efeito, o suicídio se apresenta sob um aspecto muito distinto uma vez que aceitamos que se relaciona sem solução de continuidade com os atos de valor e abnegação, por uma parte, e com os atos de imprudência e de simples negligência, por outra"; citado por Matza, cit., p. 88.

⁽¹³⁾ Elabora Niebuhr a seguinte distinção entre ironia e comédia: "os contrastes e as incongruências irônicas contém um elemento de comicidade em tanto que mostram absurdas justaposições de força e debilidade; a sabedoria através da loucura, a loucura como fonte da sabedoria; a culpa que resulta da pretensão de inocência, ou a inocência que se oculta detrás da aparente culpa. Pois bem, os contrastes são irônicos se e somente quando não são meramente absurdos, mas que também tenham um significado oculto. Devem provocar, não

Ambas idéias, conforme Matza, tomadas em conjunto, expressam a perspectiva fundamental da relação entre sociedade e desviação tomadas pelo naturalismo (veja-se que a liberdade sexual entre as mulheres de todas as classes reduz a prostituição, ao passo que o aumento da prostituição reduz a possibilidade de que mulheres respeitáveis tenham vida sexual irregular; Um mal como a prostituição resulta em um bem, como a virtude feminina, ou vice-versa;¹⁴ veja-se ainda a desviação primária e a desviação secundária em seguida).

3. Três caminhos no processo de desviação

Matza, partindo do método naturalista anteriormente mencionado, chega à conclusão de que existem três modos através dos quais uma pessoa pode converter-se em desviado. Esses modos estão notadamente interrelacionados, de forma que o indivíduo pode estar inserido em um ou mais "caminhos". Afasta Matza de cara o determinismo oriundo do pensamento positivista, relativizando-o

meramente a risada, senão uma risada de cumplicidade. O significado oculto provém do fato de que justaposições e contrastes não são meramente fortuitos. Guardam entre si uma relação estabelecida graças a alguma debilidade da pessoa neles implicada. A pessoa poderosa que resulta ser em realidade débil fica implicada em um contraste irônico apenas se a sua debilidade é devida a alguma pretensão de força. Não há ironia em que um homem culpável escape ao castigo de maneira meramente fortuita. Mas é irônico que aqueles desenhados por seus companheiros alcancem reconhecimento e justificação de juizes mais altos justamente em virtude daquelas qualidades que lhe provocaram a condenação original; e é irônico, afinal, que a ingenuidade das crianças ou dos simplórios resulte ser uma fonte de sabedoria vedada aos sábios". *apud* Matza, cit., p. 89.

⁽¹⁴⁾ Davis, citado por Matza, cit., p. 98.

de certo modo. Com efeito, uma das maneiras de se tornar desviado é pelo processo de afinidade; a outra é pela afiliação e a última dá-se através da significação. Vejamos cada um destes processos detidamente.

3.1. Afinidade

“Elisabeth era uma inteligente e atra-tiva garota de quinze anos que se criou em sua casa cheia de parentes políticos, irmãos, irmãs, sobrinhos e netos. Seus pais trabalhavam e raras vezes estavam em casa. Seus irmãos e irmãs maiores trabalhavam também, deixando os mais jovens cuidarem de si próprios. Ninguém se preocupava se Elisabeth ia ou não a escola, se necessitava de algo ou se era feliz. Ela ali estava com as outras crianças e crescia como melhor podia. Resultou de tudo isso que Elisabeth ficou grávida”.¹⁵

A questão colocada por Matza é de afinidade no exemplo citado acima. Elisabeth, em razão da vida que levava, tinha, pela experiência, maiores probabilidades de engravidar do que uma outra garota com uma família estruturada de forma a cuidar da educação dos mais novos. O processo de afinidade, a exemplo do determinismo, requer a objetivização do sujeito ou sua redução natural, de forma que se afaste, ainda que temporariamente, a capacidade do indivíduo eleger esta ou aquela direção.

Mas é exatamente quando se afasta essa possibilidade de livre escolha que a afinidade se mostra como uma insegura peça no quebra-cabeças do fenômeno desviado. Veja-se, por exemplo, a teoria da anomia de Merton. Não é absolutamente verdade que todas ou uma grande parte das pessoas bombar-deadas pelos valores culturais e que não contam com as mesmas possibilidades que outras de atingir os objetivos que a sociedade lhe impõe ofereçam, ante a

tensão que surge, uma resposta desvia-da. É certo, todavia, que a probabilidade de delinquência é maior entre os pobres se considerarmos a sua situação de incapacidade frente aos objetivos sociais. Por outra parte, a falta de credibilidade das estatísticas oficiais, seja, entre outras coisas, pelo direcionamento dos órgãos de controle social, impede que se atribua à pobreza ou à ausência de possibilidade de sucesso social um fator de afinidade à desviação.

Quais seriam então os fatores de afinidade que poderiam, eventualmente, conduzir alguém a desviar-se?

Matza não nos oferece uma resposta. Quiçá porque não exista realmente uma série de fatores que possam configurar *ex ante* a predisposição à desviação e que tais fatores apenas são constatáveis posteriormente, quando já existem outros caminhos percorridos, especialmente a significação (*labelling approach*).

3.2. Afiliação

A idéia de afiliação vem de Sutherland e dos componentes da Escola de Chicago, os quais pretendiam substituir a idéia de afinidade pela de filiação. Esta significa “a adoção ou admissão de um filho em uma família e, por extensão gradual, o processo pelo qual gentes previamente desvinculadas entre si se unem ou se vinculam”.¹⁶

Este é o exemplo que nos fornece Matza sobre o mesmo tema apresentado por ocasião da abordagem da afinidade: gravidez. “Liz era uma atra-tiva e inteligente garota de quinze anos cuja família viu-se obrigada a mudar para um novo bairro. Antes de viver ali, Liz era inocente quanto aos assuntos sexuais. Ficou amiga de outra garota de dezesseis anos, Fanny, que vivia na porta ao lado. Mais tarde, Liz tornou-se muito popular entre os membros do grupo escolar de Fanny. Liz se dava conta de que o grupo

(15) Matza, cit., p. 110.

(16) Matza, cit., p. 128.

de Fanny ia demasiado depressa, mas estava tão orgulhosa da popularidade que havia conquistado, que não ousou arriscar-se, parecendo puritana. Liz conheceu Jim. O resultado foi que Liz ficou grávida".¹⁷

Ainda na fase de afiliação, a livre escolha é algo que se não pode desprezar (embora tampouco se possa afirmar). Sendo um processo fundamentalmente humano, está ele sujeito a toda sorte de vicissitudes e intercorrências. O indivíduo que se converte "se compromete com seu meio e com seus semelhantes nele, conecta com eles, considera suas crenças, tenta adotar seu estilo, antecipa ou imagina o lugar que terá entre eles e se pergunta se de antemão não exclui a outros". Mas o certo é que sempre estará repensando, reavaliando a sua situação, "se cria uma distância entre si mesmo e o papel que ocupa".¹⁸ Como assinala Matza, a conversão de um sujeito a um determinado grupo é um processo estritamente humano, quicá o mais humano deles, pois requer que o indivíduo transcenda uma parte da circunstância própria. Têm para si um significado particular o mundo que penetra e a sua participação nele. A afiliação, todavia, apenas será completa quando o indivíduo se enxergar, através de toda a sociedade, como um indivíduo desviado (é a significação que veremos a seguir).

Particularmente sugestivo é o processo de afiliação do fumador de marihuana tratado por Becker e utilizado por Matza em sua digressão sobre esse caminho para a desviação.¹⁹ A consciência e a intenção é o primeiro passo. O sujeito há de conhecer, ainda que superficialmente, o objeto e os efeitos que ele lhe pode produzir, a partir da observação,

muito particular, do que sucede com seus companheiros. Há de ter a intenção voltada à realização da conduta para obter as mesmas sensações que seus companheiros. Deve estar disposto a fumar marihuana. Não se confunde, todavia, estar disposto com ser capaz. Aquele que está disposto e logo vê que não é capaz do ato, verifica necessariamente que na realidade não estava disposto. Esta experiência tanto abre um novo horizonte ao indivíduo a respeito de si mesmo, de sua posição social, do impacto das normas sobre si, do seu valor intrínseco, etc., como não significa que não poderá mudar de idéia. Todavia, a sua experiência é muito maior do que a do indivíduo que *ab initio* mostrou falta de disposição para o ato.²⁰

Não se deve confundir ainda a conversão com uma capitulação a um grupo distinto. A consciência humana reavalia a cada instante todo processo e as interações dele resultantes, o que implicam novas considerações do sujeito a respeito de si mesmo, do grupo social e da sociedade como um todo, nunca sem nostalgia, indecisões ou reservas.²¹

Sobre a proscrição da marihuana propriamente dita, assinala Matza que seu efeito é despertar no indivíduo a sensibilidade para o banal. A relatividade com que se percebem as coisas a sua volta suspende a fé, que é o método de composição do ordinário. Daí talvez a

(17) Matza, cit., p. 110.

(18) O pensamento é de Howard Becker, citado por Matza, cit., p. 131.

(19) Matza, cit., p. 136 e s.

(20) A fidelidade destas pessoas à norma, digo na esteira do texto de Matza, é um mero artigo de fé. "Nunca saberão se são o tipo de pessoas destinadas a manter fidelidade à norma e têm uma obscura consciência disso (...) sem auxílio, o sentido de clausura não permitiria predizer que não irão fazer uma coisa com maior segurança que o sentimento de abertura permitir a predizer que sim irão fazer", cit., p. 140.

(21) Matza, cit., p. 147. A pressão que o grupo exerce é apenas um fato a mais na consideração do sujeito, maior ou menor, mas que não elimina a sua autoridade, p. 153.

origem do nome, mais do que impróprio, fantasioso, de “erva do diabo”.

3.3. Significação

“Betty era uma inteligente e atrativa garota de quinze anos, cujos pais eram carinhosos, mas bem tradicionais. Pensaram que, tanto pela qualidade da educação como por motivos morais, Betty se educaria melhor em uma escola paroquial. Em geral, Betty gostava da escola; todavia, havia na escola uma Irmã obsecada com a importância da castidade e que expunha suas opiniões de um modo inquisitorial. Ainda que a Betty lhe afetassem as acusações da Irmã, tinha ela uma personalidade sã e não levava muito em consideração que lhe dizia a Irmã. Saía assiduamente com rapazes, mas, aparte algum beijo ocasional, mantinha-se virgem”.

“Uma tarde, Betty e seu novo amigo Dick conversavam tranqüilamente em um carro. Lá pelas dez e meia, a Dick lhe pareceu hora de tomar sua dose diária de beijo profundo. Justo neste instante, o policial Larkin, parente da Irmã, abriu a porta do automóvel e presenciou o ósculo do casal. Chamou de prostituta a Betty e ameaçou acusar Dick de sedução de menor. Desafogada a bilis, o policial Larkin se colocou paternal, acabou sorrindo e disse: ‘Parecem bons garotos, assim que nada vou fazer desta vez. Mas que não venha a apanhá-los outra vez por aqui’. Betty e Dick permaneceram o tempo todo em silêncio e depois da partida do policial seguiram mudos por algum tempo, até que exclamaram em uníssono: ‘Que demônios!’ Como resultado Betty ficou grávida”.

O processo de significação, de longe, é o mais importante caminho para se chegar à condição de desviado, porque há interferência direta do que Matza, seguindo a Hobbes, chama Leviatã.

Desde a formulação das normas de conduta pelo Estado, está ele influyendo

diretamente no passo de cada indivíduo do comportamento convencional para o comportamento desviado. A relação entre a autoridade organizada e o crime, todavia, apenas passou a ser aceita em nível acadêmico com o advento das escolas sociológicas e as conseqüentes críticas à criminologia tradicional.

Não se trata de acusar a atuação do Estado de ilegítima, mas de verificar em sua rudimentária natureza um papel criminógeno, um papel relevantíssimo na formação do agente desviado. Veja-se, já em um primeiro momento, que o encarregado de selecionar quem são os desviados dentro de uma comunidade é o Estado. Proibindo-lhes determinados comportamentos, pouco importa que lhe sejam típicos.²² O objetivo da proibição, assinala Matza, é a transformação moral da atividade. Uma atividade que ganha um espectro “proibido”, imediatamente é assimilada pela comunidade como “imoral”, ademais de ser ilegal. “Ao tornar culpável a atividade, Leviatã endemonia o sujeito que a realiza, e assim compensa em parte seu enorme fracasso em prevenir”.²³

De outro lado, surge a hora da detenção. Até então o sujeito estava temporariamente (com possibilidades de repensar a escolha) afiliado; podia ver-se como integrante da comunidade, revestido vez ou outra de um papel convencional. Todavia, quando surge a detenção, quando o Estado alardeia sua condição de desviado, o sujeito repensa necessariamente seu papel social e normalmente não se verá perante a comunidade senão como um desviado. É o *labelling approach*. E ver-se como desviado implica uma reavaliação do

(22) Lembremo-nos do papel dos empresários moralistas protestantes norte-americanos com relação à proibição do consumo de álcool, hábito da comunidade católica que chegava ao novo mundo.

(23) Matza, cit., p. 183.

que significa a comunidade em sua vida, seu papel como cidadão, sua identidade, seu ego. Será que sou mesmo tudo isto que estão dizendo?, pergunta-se o detido. Afastado, marginalizado, humilhado, rotulado, reduzido, desqualificado, processado, unido ao grupo excluído, sentir-se-á, fatalmente, como um desviado. E para comprovar isto, para demonstrar a si mesmo que este é o seu papel, esta é a sua condição que Leviatã alardeou, faz-se necessário um novo ato desviado. Temos então a desviação secundária como resultado lógico não da desviação primária, senão do processo de significação.

Reside a ironia justamente no fato de que o Estado, ao tomar para si o poder-dever da punição, e com isso prevenir a delinquência, tornou-se, por causa de seu insólito e frio comportamento de significar, um fator relevante no processo de desviação. Não se trata de caso fortuito. É a aberrante necessidade psicológica e moral que tem a comunidade e cada indivíduo de ser diferente do infrator. A visão maniqueísta do Estado

é contingência do que a comunidade precisa e do que necessita cada indivíduo, mergulhado na sua visão limitada e dissociada do ego.

Isto, por outra parte, tem outra função social. Permite ao Estado cumprir com as demandas contraditórias de "lei e ordem": Se a polícia não pode submeter qualquer cidadão ao controle social fica prejudicada a manutenção da ordem. Todavia, com um número considerável de suspeitos, pode, sem maiores constrangimentos, submetê-los a todo tipo de acosso, sem levantar gestos de indignação pelo confronto entre o bem (a polícia) e o mal (o desviado).²⁴

(24) Sugestivo é o exemplo de Matza de um policial de Nova Iorque, de trânsito, que em um ato impulsivo atirou contra um veículo que ultrapassara um semáforo desfavorável, atingindo-o. Imediatamente o policial correu na direção do automóvel parado, com o motorista ferido, imaginando os transtornos que padeceria por aquela atitude impensada. Tranqüilizou-se imediatamente, todavia, quando soube que o motorista era um convicto. Cit., p. 234.